

**CENTRO UNIVERSITÁRIO UNISOCIESC**

**CURSO DE PSICOLOGIA**

Amanda Cristiane Rosenbrock Alves de Souza

Andressa Rachinhas de Almeida

Leticia Karine Schmidt

Maria Carolina Furtado Mireider

**GENERALIZAÇÃO DA ADOLESCÊNCIA:  
ESTIGMAS E IMPLICAÇÕES SOCIAIS VISTAS A PARTIR DA EXPERIÊNCIA  
DO ADOLESCENTE**

BLUMENAU  
2022

Amanda Cristiane Rosenbrock Alves de Souza  
Andressa Rachinhas de Almeida  
Leticia Karine Schmidt  
Maria Carolina Furtado Mireider

**GENERALIZAÇÃO DA ADOLESCÊNCIA:  
ESTIGMAS E IMPLICAÇÕES SOCIAIS VISTAS A PARTIR DA EXPERIÊNCIA  
DO ADOLESCENTE**

**Projeto de TCC II, apresentado como requisito para conclusão do Curso  
de Psicologia do Centro Universitário Unisociesc – Blumenau**

**Orientador Me.: Jéferson Passig**

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	4
<b>2. DELIMITAÇÃO DO PROBLEMAS DE PESQUISA</b> .....	5
2.1 QUESTÃO-PROBLEMA .....	5
2.3 OBJETIVOS .....	5
2.3.1 Objetivo Geral .....	5
2.3.2 Objetivos Específicos .....	5
<b>3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	7
3.1 Construção dos estigmas sociais ao longo da história .....	7
3.2 Adolescência na contemporaneidade .....	9
3.3 Estigmas sociais em adolescentes na atualidade .....	11
3.4 O papel das escolas no reforço desses estigmas .....	13
<b>4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	16
4.1 MODALIDADE DE PESQUISA .....	16
4.2 CAMPO DE OBSERVAÇÃO .....	16
4.3 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS .....	16
4.4 CRITÉRIOS PARA ANÁLISE DOS DADOS .....	16
4.5 DESCRIÇÃO DAS ETAPAS DA INVESTIGAÇÃO .....	16
<b>5. DISCUSSÃO DOS DADOS</b> .....	18
5.1 Público Pesquisado .....	18
5.2 Aprofundamento dos dados.....	19
5.3 Mediações .....	21
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	23
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	25

## 1. INTRODUÇÃO

Quando o assunto é adolescência na sociedade contemporânea, há desafios referentes à compreensão e a aceitação das escolhas que são feitas nessa fase do desenvolvimento. Há dificuldade na compreensão de que todo o indivíduo se constrói a partir das relações sociais, ou seja, sujeitos sócio-históricos. A adolescência tem sido explicada somente de forma subjetivista, pelos olhos de quem tutela, e não singulariza-se o processo de quem está passando pela adolescência, portanto, deve-se superar a visão biologizante que há na adolescência e que leva os adultos, e muitas vezes o próprio adolescente, a uma concepção determinista, ou seja, sendo entendida muitas vezes somente a partir das inquietações e mudanças decorrentes da puberdade.

Com o aprofundamento do tema, espera-se um enfoque acadêmico mais atento para as contingências que dão vazão à estigmatização dos adolescentes, a análise crítica de comportamentos normalmente estigmatizados, para que o estudo sobre a adolescência não seja pautado apenas na visão dos adultos sobre o tema, que haja reflexão para entender a origem dos rótulos e sua serventia à aqueles que os projetam e as consequências para aqueles que os sofrem.

Este estudo busca compreender como esse processo de estigmatização é percebido e entendido pelos adolescentes, que recorte eles fazem dos rótulos impostos pelos seus tutores, qual influência percebem que os estigmas tem sobre a formação de sua personalidade, como apropriam-se deles, e a partir disso, a maneira como constroem sua visão de mundo e, principalmente, a visão sobre si mesmos. Nesse contexto, a problematização que se propõe, é a respeito da maneira como é compreendido esse processo do adolescer, como são tratados os indivíduos que estão nessa fase da vida e como esses sujeitos adolescentes são afetados pela maneira como são definidos pela sociedade. Por fim, compreender o processo da adolescência a partir de quem o vive, e assim, mostrar a importância da autopercepção como forma de amadurecimento e possibilidade de descoberta.

## 2. DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA

É de interesse da sociedade contemporânea, determinar como tudo e todos são e como devem ser. Em um mundo construído com base no poder dos mais fortes sobre os mais fracos prevalece a ideia hierarquizada de que os jovens não têm direito a voz para falar a respeito deles próprios.

As instituições (família, escola, mídia...) fazem questão de lembrar os adolescentes a todo momento de que eles são inadequados, não produzem e não tem o que é preciso para serem considerados como parte integrante e autônoma da sociedade. Fazendo isso, os adultos fecham os adolescentes em conceitos deterministas, estigmatizando-os.

Não se tem dado a devida importância ao olhar que o adolescente tem sobre si mesmo, levando em conta todo o contexto em que está inserido e as contingências que o atravessam. É imprescindível que se entenda como os jovens se apropriam dos estigmas impostos à eles.

### 2.1 QUESTÃO PROBLEMA

Quais as percepções dos estudantes do 2º ano do Ensino Médio sobre os estigmas sociais a respeito da adolescência?

### 2.3 OBJETIVOS

#### 2.3.1 Objetivo Geral

Explorar a perspectiva dos adolescentes do 2º ano do Ensino Médio acerca da adolescência a partir dos estigmas sociais.

#### 2.3.2 Objetivos Específicos

- Expor a história e a evolução de estigma na fase adolescente;
- Analisar os desdobramentos a partir da complexidade do período da adolescência;

- Descrever a concepção dos adolescentes sobre os estigmas sociais existentes durante o período da adolescência.

### 3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

#### 3.1 Construção dos estigmas sociais ao longo da história

Um fenômeno que faz parte não somente da adolescência, mas de todas as esferas da sociedade, é a construção de meios para categorizar as pessoas, estabelecendo o que é normal e aceito e o que não é. Quando, ao deparar-se com um indivíduo ou um grupo que não se encaixa em nenhuma expectativa comum e aceitável, esse é tido como indesejável, errado, desprezível, ou seja, é estigmatizado.

De acordo com Goffman (1963), o termo estigma tem sua origem dos Gregos, que chamavam assim as marcas na pele feitas com fogo ou corte que designavam os traidores, criminosos ou escravos, ou seja, pessoas inferiores. Posteriormente, o termo foi usado para se referir a marcas corporais de ordem religiosa. Atualmente o termo possui uma definição mais figurada e descreve tudo o que é desonroso ou indigno. Nesse sentido, Goffman (1963, p. 06) define:

Enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser - incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável - num caso extremo, uma pessoa completamente má, perigosa ou fraca.

Porém, vale ressaltar que o atributo pessoal que dá vazão ao estigma não é, por si só, pejorativo. Ou seja, uma característica que estigmatiza alguém negativamente pode ser entendida como um ponto positivo de identificação social, tudo depende do contexto histórico, social, cultural e geográfico. Conforme descrito por Frédéric Allouche (2001, p. 37) “julgar o outro, aceitá-lo ou excluí-lo, sempre traduz o espírito de uma sociedade original, a particularidade exclusiva de uma época”.

Desse modo, percebe-se que ao não reconhecer características consideradas aceitáveis no outro, tende-se determiná-lo a partir do que se interpreta dele, transformando-o assim em objetivo, reduzindo-o à característica, estigmatizando-o. A partir disso, Sartre (1946) define o determinismo como o processo de encerrar o outro em uma definição, a partir de uma essência pré-concebida, imutável e intransponível que defende que tudo está pronto e acabado, sem chance de mudança.

O determinismo é importante para manter a ordem na sociedade, quando todos sabem seu papel e os papéis dos demais, não há com o que se preocupar. Por essa razão toda e qualquer atitude divergente e transgressora é vista como uma ameaça à

normalidade, nesse caso, a adolescência é a fase do desenvolvimento humano onde ocorrem os maiores rompimentos de paradigmas sociais e, portanto, é alvo das maiores críticas, sempre com o objetivo de se manter no que já está feito e é conhecido, nesse sentido, Sartre (1943, p. 106) faz a seguinte afirmação: Vemos quantas precauções são necessárias para aprisionar o homem no que é, como se vivêssemos no eterno temor de que escape, extravase e eluda sua condição.

De acordo com Calligaris (2000), o adolescente transcende com o objetivo de ser reconhecido. Então, os comportamentos estigmatizados (rebeldia, desobediência, delinquência) surgem do fato de que a adolescência fora, por muito tempo, colocada como mera fase de transição da infância à adultez, não sendo reconhecida como etapa própria da vida. Um marco cultural importante para o reconhecimento da adolescência e identificação dos sujeitos adolescentes é a publicação de *O Apanhador no Campo de Centeio*, em 1951, pelo escritor americano J.D. Salinger. A história que acompanha um final de semana do jovem Holden Caulfield, de 17 anos, traz uma pequena jornada onde descreve seus anseios, seus gostos e suas aspirações. O livro foi pioneiro em colocar o adolescente como ator de sua história em uma época em que esse período da vida não era levado a sério, a partir disso o “mundo dos adolescentes” passou a ter cada vez mais relevância cultural e comercial.

Em seu livro “*A Adolescência*” (2000, p. 33) Calligaris discorre sobre a questão dos desejos dos adultos e do comportamento adolescente da seguinte maneira: As condutas adolescentes, em suma, são tão variadas quanto os sonhos e os desejos dos adultos. Por isso elas parecem (e talvez sejam) todas transgressoras. No mínimo, transgridem a vontade explícita dos adultos.

Na busca por reconhecimento, os adolescentes ultrapassaram os ideais dos adultos e foram por eles estigmatizados. Há um paradoxo, porém, quando se percebe que o estereótipo de adolescente rebelde foi idealizado pelos adultos, mas por eles provocado. O discurso que antes era de que o período da adolescência não era nada além de mera fase transicional, sem o seu próprio valor, agora é de que todo adolescente é desobediente e desajuizado, ou seja, o estigma sempre esteve presente, apenas se alterou conforme o contexto.

### 3.2 Adolescência na contemporaneidade

As discussões sobre o processo da adolescência já existem aproximadamente há 100 anos, quando se começou a olhar para essa etapa como processo fundamental de amadurecimento para a vida adulta. Partindo do pressuposto sócio-histórico, a adolescência das gerações passadas foi muito marcada pela grande necessidade do trabalho, principalmente advindas das revoluções industriais e tecnológicas, onde passavam de criança para a fase adulta diretamente, sem ter o período de espera que hoje é muito comentado, e conhecido na adolescência, tendo como principal atividade e preocupação o trabalho e o capital. Segundo Leontiev (1978, p. 313) “A idade da passagem de um estágio a outro depende do seu conteúdo que muda com as condições sócio-históricas”.

O processo da adolescência também é historicamente marcado em algumas culturas por alguns rituais, que têm como objetivo fazer a passagem da criança para o indivíduo adulto. Assim, passa a assumir as grandes responsabilidades, como constituir família e ser o responsável por ela, onde é muito marcada pelo papel masculino nessas sociedades, e para as mulheres, ser dona e cuidar do próprio lar, bem como proporcionar e formar as novas gerações de sua família.

Culturas essas que mantêm um olhar hierarquizado para as fases de desenvolvimento encontradas ao longo da vida, assim como afirma Galatin (1986), a adolescência tem como função garantir a passagem do homem de um estágio inferior para os estágios superiores. Fazendo com que essas sociedades se dividam em silos de maior ou menor importância, trazendo também o distanciamento existente entre as pessoas que estão em estágios diferentes da vida.

Apesar do olhar sócio-histórico, não há como negar as percepções biológicas que esse período é marcado. Graville Stanley Hall, psicólogo americano, apresenta os aspectos físicos encontrados na adolescência, bem como as mudanças biológicas evidentes no crescimento da criança para essa nova fase, que é marcado principalmente pelo que chamamos de puberdade, onde acontecem as principais mudanças corporais. “Os correlatos psicológicos, particularmente notáveis, encontram expressão no comportamento, e unem a pubescência à adolescência” (MUSS, 1974, p. 18).

A compreensão da adolescência foi alterando com os anos, na atualidade temos algumas características marcantes. Para uma delas, Calligaris já propusera

discussões. Segundo ele, há um período de “moratória” encontrado em todos aqueles que passam de criança para adolescente, onde já existem expectativas e responsabilidades esperadas, mas há uma dependência que os próprios adultos colocam nesses indivíduos, ou seja, há uma dualidade para ser compreendida.

Calligaris (2009, p.15) define o tornar-se adolescente da seguinte forma:

Ele se torna um adolescente quando, apesar de seu corpo e seu espírito estarem prontos para a competição, não é reconhecido como adulto. Aprende que, por volta de mais dez anos, ficará sob a tutela dos adultos, preparando-se para o sexo, o amor e o trabalho, sem produzir, ganhar ou amar; ou então produzindo, ganhando e amando, só que marginalmente.

Calligaris também discorre em seu livro sobre a discussão da “Adolescência como reação e rebeldia” como afirmação, para todos que passam por esse período. Outros autores também descrevem a adolescência como um período de muita inquietação, reação e turbulência para os que vivem e os que alimentam essas afirmações no dia a dia, o que hoje é muito visto, de maneira geral, em nossa sociedade. Há uma exclusão dos que vivem a adolescência por parte dos que tutelam esses jovens, fortalecendo assim os estigmas coexistentes durante a adolescência, até se tornarem adultos na sociedade.

O autor Siegel de “Cérebro Adolescente” (2016), propõe um olhar positivista acerca desse período, incentivando assim, principalmente os adultos, a se apropriarem mais dessa fase com seus tutelados. Para ele, a adolescência é um período que acontece aproximadamente dos doze até meados dos vinte anos, e que em muitas culturas a adolescência é conhecida como uma “época de grandes desafios”.

Daniel J. Siegel observa e discute sobre quatro principais características: busca por novidade; engajamento social; aumento da intensidade emocional; exploração criativa. E afirma que: (...) essa é uma época de enorme transição. Saímos da relativa segurança e familiaridade do ninho para um período temporário – que pode durar décadas – no qual não temos nenhum lar verdadeiro como base” (Siegel, 2016, p. 32).

Outro fator que muitos autores da contemporaneidade também discorrem, é a importância dos grupos na adolescência, para que as pessoas se sintam pertencentes a algo. E isso não acontece de outra maneira na adolescência, até com muito mais força. Faz-se necessária a busca pelos semelhantes, bem como por identificações com as quais os adolescentes consigam o apoio para enfrentar as adversidades e sintomas

sociais impostas – estigmas – dentro e fora de casa. Segundo Siegel (2016, p. 31), “A associação com nossos iguais durante essa época é vital para a nossa sobrevivência”.

A compreensão do processo da adolescência até a fase adulta na sociedade moderna vem chamando atenção de diversos estudiosos sobre o tema, pois alegam que estamos vivendo um período de adolescência prolongada. Onde a preocupação e prioridade pelos que vivem essa fase é a busca por novas experiências, formação e posteriormente o trabalho, e não apenas o olhar voltado para a constituição e formação de novas famílias, como visto em gerações anteriores.

Se continuássemos fazendo as coisas como os adultos faziam nas gerações anteriores estaríamos usando as mesmas estratégias antigas que podem não funcionar em um novo ambiente, criado por um mundo em constante alteração. Na realidade do “adapte-se ou morra” da evolução, os adolescentes são nossa força adaptável. (Siegel, 2016, p. 30).

Ou seja, apesar das discussões históricas sobre o tema, é necessário a apropriação dos movimentos atuais acerca da adolescência como um lançar-se para o futuro, correspondendo às demandas atuais da sociedade contemporânea. É de importância social olhar com real entendimento sobre o tema, para as características e desejos dos adolescentes, e que apesar dos processos fisiológicos encontrados nessa fase da vida, observa-se também singularidade e especificidades que devem ir além das generalizações herdadas de gerações passadas e conhecimentos de senso comum.

### 3.3 Estigmas sociais em adolescentes na atualidade

A estigmatização dos adolescentes tem se mostrado cada vez mais presente no meio em que estão inseridos. Os estigmas nada mais são que um desvio de um comportamento que a sociedade espera desse adolescente que está inserido em seus padrões sociais. Padrões estes que nomeiam o que deve ser considerado dentro da normalidade e o que deve entrar em descrédito.

O estigma varia de acordo com o contexto em que o jovem está inserido e se dá como uma classificação negativa que surge de determinados grupos sociais que têm o poder de designar esses rótulos perante suas percepções de mundo. Todos possuem condutas ou comportamentos que são passíveis de serem estigmatizados, a depender do ambiente ou meio social em que estão inseridos.

No livro *Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada* (1963), de Goffman, ele menciona três tipos de estigmas nitidamente diferentes. Em primeiro lugar existem as abominações do corpo, que englobam as várias deformidades físicas. Neste caso, trazendo para o contexto da adolescência, seriam aqueles que possuem algum tipo de deficiência corpórea ou cognitiva e que são estigmatizados diante do meio social que estão inseridos, pois em algum momento de sua existência, não corresponderam às expectativas do meio que os circunda. Muitas das vezes, esses adolescentes são reduzidos a um simples diagnóstico e todo o seu processo de desenvolvimento fica submetido a isso. Para Janin (2013), nenhum sujeito pode ser reduzido a um "carimbo" sem desaparecer, como sujeito humano complexo, contraditório, em permanente conflito, em relação a um ambiente significativo e, portanto, com certo grau de imprevisibilidade.

Ainda citando Goffman (1963), em segundo lugar, dentro dos estigmas citados, temos a culpa de caráter individual que são percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade, sendo essas inferidas a partir de relatos conhecidos de, por exemplo, distúrbio mental, prisão, vício, alcoolismo, homossexualismo, desemprego, tentativas de suicídio e comportamento político radical. Onde, os adolescentes que possuem comportamentos afetivos ou ideologias que fogem do dito normal, são reprimidos e precisam lidar com toda essa carga emocional sozinho, sem apoio do meio em que pertencem. E, por fim, há os estigmas tribais de raça, nação e religião, que podem ser transmitidos através de gerações e contaminar por igual todos os membros de uma família ou sociedade.

Pertencentes a diferentes famílias e membros de grupos distintos, os adolescentes moldam seus comportamentos e suas relações com o mundo através do que absorvem destes. Sendo assim, um atributo ou aspecto num indivíduo que pode ser estigmatizado, dentro de outras sociedades podem ser credenciais para normalidade. O impacto na vida dos adolescentes, causada por todo esse processo de demérito sob suas ações ou formas de se posicionarem perante ao mundo, tem grande impacto dentro de suas relações ao longo da vida.

Para Goffman (1963) as atitudes que nós, normais, temos com uma pessoa com um estigma, e os atos que empreendemos em relação a ela são bem conhecidas na medida em que são as respostas que a ação social benevolente tenta suavizar e melhorar. Por definição, é claro, acredita-se que alguém com um estigma não seja completamente humano. Com base nisso, faz-se vários tipos de discriminações,

através das quais efetivamente, e muitas vezes sem pensar, reduzimos suas chances de vida: Constrói-se uma teoria do estigma; uma ideologia para explicar a sua inferioridade e dar conta do perigo que ela representa, racionalizando algumas vezes uma animosidade baseada em outras diferenças, tais como as de classe social. Utiliza-se termos específicos de estigma como “aleijado”, “bastardo”, “retardado”, em nosso discurso diário como fonte de metáfora e representação, de maneira característica, sem pensar no seu significado original.

### 3.4 O papel das escolas no reforço desses estigmas

Durante a adolescência, as fases escolares pelas quais o indivíduo perpassa são: Ensino Fundamental; Ensino Médio; Início da Graduação. Estas fases seguem modelos de ensino padronizados e na maioria das vezes são colocadas em prática por meio de alienação e dominação do estudante. O formato como é executada a relação entre educador e educando, é de maior para menor, com base em tamanhos estereotipados.

Conforme o pensamento de Freire (1968) é como se fosse seguida uma “educação bancária”. No qual, o professor atua no papel de dominador do conhecimento, ocupando uma posição de superioridade e de exclusividade. Sendo assim, o aluno recebe o ensino e aprende de forma passiva, sendo minimizado e reduzido a um ser com nula capacidade de questionar e buscar aprender de forma ativa. Portanto, o estudante recebe este conteúdo e o professor deposita, como se metaforicamente fosse como um banco no sentido monetário.

Na prática, nada mais é que um ensino que anula a possibilidade de diálogo e de pensamento investigativo, ao apequenar o educando como um indivíduo que nada sabe e de nada é capaz de saber. Enquanto o educador é posto em uma posição de detentor de um conhecimento maior, como se fosse uma medida em “tamanho”. Este raciocínio é possivelmente motivado pelo ingênuo pensamento de que o aluno não é capaz e não deve refletir nem debater sobre aquele saber que recebe.

Há ainda em Freire (1967), o raciocínio com relação à hierarquização de culturas. No que se refere a um indivíduo ser melhor ou pior que o outro, conforme sua cultura, gosto musical, cor, família e demais singularidades. Pensando na escola, o modelo educacional tradicional hierarquiza e coloca os estudantes em posição de ranking, conforme seu desempenho em provas e analisando a capacidade de interação

social do sujeito. Assim, os indivíduos que atingem notas de alto valor numérico são reconhecidos como bons, pois são capazes de acompanhar o padrão de ensino regular. Enquanto os que não atingem notas conforme a média numérica, são nomeados, coisificados e reduzidos como maus alunos. Logo, a escola falha de forma significativa e preocupante em cumprir seu papel social, político e humano no ato de educar alguém. Conforme Freire cita (1982, p. 62):

No fundo, esses problemas todos sobre os quais a gente quer discutir - escola, cultura, invasão da cultura, respeito pela cultura -, isso é sobretudo um problema político e um problema ideológico. Não existe neutralidade em coisa nenhuma, não existe neutralidade na ciência, na tecnologia. A gente precisa estar advertido da natureza política da educação.

O formato de ensino atual é uma questão político-social grave em sua execução. Pois com o imediatismo e a padronização de uma única forma de aprendizagem, o educando é submetido a adaptar-se a um único ritmo, ordem, forma e conteúdo. Aquele que de alguma forma não conseguir acompanhar o mesmo ritmo que a maioria segue, é considerado errado, atrasado e inadequado. Assim, a singularidade e a individualização do estudante são anuladas e intoleradas, pois não levam em conta uma possibilidade de adaptação do ensino conforme o tempo do sujeito.

Além de que, a escola e a família atuam de forma essencial no que se refere a apoio e exemplo ao adolescente. Pois é o principal período em que diversas habilidades são desenvolvidas e lapidadas cautelosamente, conforme a tratativa e a comunicação que o adolescente recebe durante esta fase de sua vida. É principalmente o momento em que há a construção da auto-estima. Conforme cita a psicóloga e escritora Maria Tereza Maldonado:

A construção de uma boa auto-estima surge como alicerce da força de vida. Está profundamente associada à resiliência, ou seja, à combinação entre flexibilidade e força para enfrentar os obstáculos, à criatividade para encontrar saídas, à visão otimista, à esperança, à fé e ao cultivo da alegria pelas coisas simples. Com isso, amplia-se a capacidade amorosa, permitindo a celebração da vida e a possibilidade de sonhar. Acreditar em si mesmo, em sua força, em suas possibilidades de ser bem-sucedido, é ingrediente básico, que influencia o grau de autodeterminação. (2004, p. 9)

O autoconhecimento é essencial durante toda a trajetória vital de um indivíduo. Portanto, sabendo que o ato do reconhecimento e do desenvolvimento das principais características e habilidades de comunicação de ser-no-mundo, são desenvolvidas durante a adolescência, há que se ter atenção significativa neste período. Pois quando é alcançado o sucesso na consolidação da auto-estima em um adolescente, há posteriormente um reflexo significativo durante a adultez. Mecca, Smelser &

Vasconcellos, (1989) refletem sobre a confiança que pode ser reconhecida e executada em um sujeito que se reconhece e se aceita por inteiro.

Havendo uma comunicação assertiva e não violenta, há como evitar eventos de violência e conflito.

Crianças não nascem preocupadas em serem boas ou más, espertas ou estúpidas, amáveis ou não. Elas desenvolvem estas idéias. Elas formam auto-imagens [...] baseadas fortemente na forma como são tratadas por pessoas significativas: os pais, professores e amigos. (Coopersmith, 1989, p. 02)

A escola é uma das principais redes atuantes para o aprimoramento e desenvolvimento de socialização e do sentimento que o adolescente tem ao desenvolver tais competências. Freire descreve e sugere em seu escrito *A pedagogia da Libertação* (2001), um formato de ensino baseado no relacionamento mútuo e equilibrado entre o educador e o educando.

O autor coloca o diálogo como sendo o princípio e o fundamento, para que o estudante pense, critique, reflita e aja sobre o conteúdo em si. De forma que não haja hierarquização, visto que o processo passa a ser crítico, por meio da possibilidade de instigar o estudante a problematizar o que aprende. Fazendo com que a visão de mundo ensinada, possa partir de um senso comum, e por meio de trocas e reflexões com o professor, atinja o conhecimento científico.

É como se fosse criado um processo contínuo de aprendizagem com base em reflexão e ação, ida e volta. Já que o conhecimento do educando age como um ponto inicial e o ponto final é a elaboração do conhecimento, conforme os experimentos e trocas sociais. Fazendo com que o diálogo ultrapasse o conceito fechado de “ensinar, logo aprender”, mas passe a ser uma atuação mútua de estar, trocar e consolidar.

## **4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

### **4.1 MODALIDADE DA PESQUISA**

A pesquisa proposta neste projeto, quanto ao objetivo, classifica-se como exploratória, tendo em vista que a finalidade é proporcionar maior familiaridade com a problemática proposta, levando à um maior entendimento acerca da perspectiva dos adolescentes em relação aos estigmas (Gil, 1946, p. 14).

Quanto aos procedimentos de investigação, a pesquisa é de levantamento, pois será aplicado questionário diretamente aos adolescentes, a partir do qual, mediante análise quantitativa, resultaram as conclusões acerca do problema proposto (Gil, 1946, p.50).

### **4.2 CAMPO DE OBSERVAÇÃO**

A pesquisa foi realizada em três escolas, uma particular e duas públicas. Em cada escola o questionário foi aplicado para turmas do 2º ano do ensino médio. Cada turma tinha em média trinta alunos, o número total de participantes na pesquisa foi de 100 adolescentes.

### **4.3 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS**

Os dados foram coletados através de questionário quantitativo.

### **4.4 CRITÉRIOS PARA ANÁLISE DOS DADOS**

A análise dos dados coletados foi feita através de tabelas dinâmicas, categorização de conceitos e cruzamento das respostas.

### **4.5 DESCRIÇÃO DAS ETAPAS DA INVESTIGAÇÃO**

O projeto foi elaborado seguindo as seguintes etapas:

- Discussão do tema com o orientador;
- Seleção de bibliografias referentes ao tema;
- Estudo sobre a adolescência, estigmas e suas implicações;
- Elaboração do questionário;
- Delimitação dos locais de pesquisa;
- Aplicação de questionários;
- Análise dos dados coletados;
- Redação de relatório final;
- Apresentação dos resultados.

## 5. DISCUSSÃO DOS DADOS

### 5.1 APRESENTAÇÃO DO PÚBLICO PESQUISADO

A aplicação da pesquisa se deu com o total de cem estudantes do 2º ano do Ensino Médio, sendo uma escola particular e duas escolas públicas. Os gráficos abaixo, apresentam a quantidade de estudantes divididos entre o ensino privado e o público (tabela 1), faixa etária (tabela 2) e sexo (tabela 3):

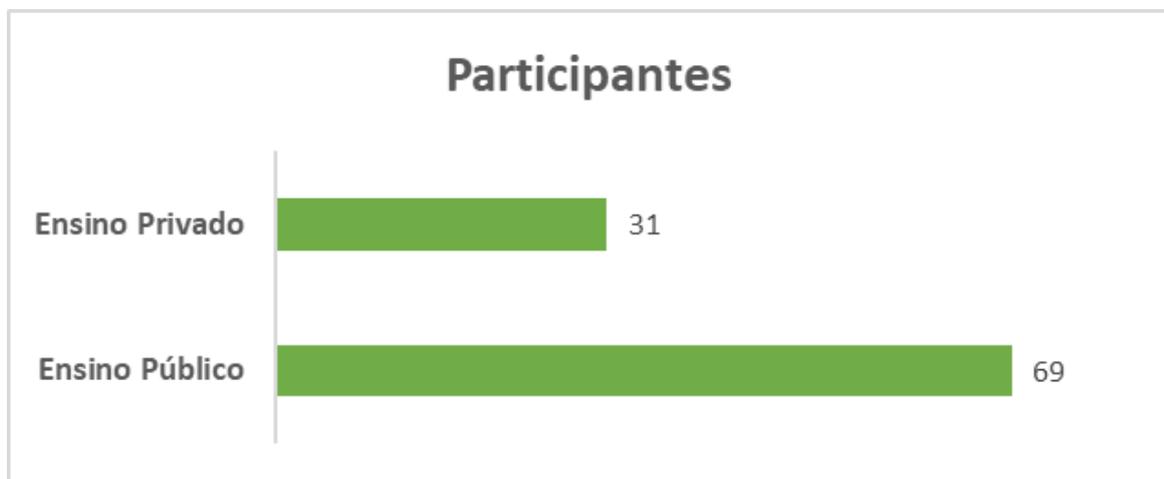


Tabela 1

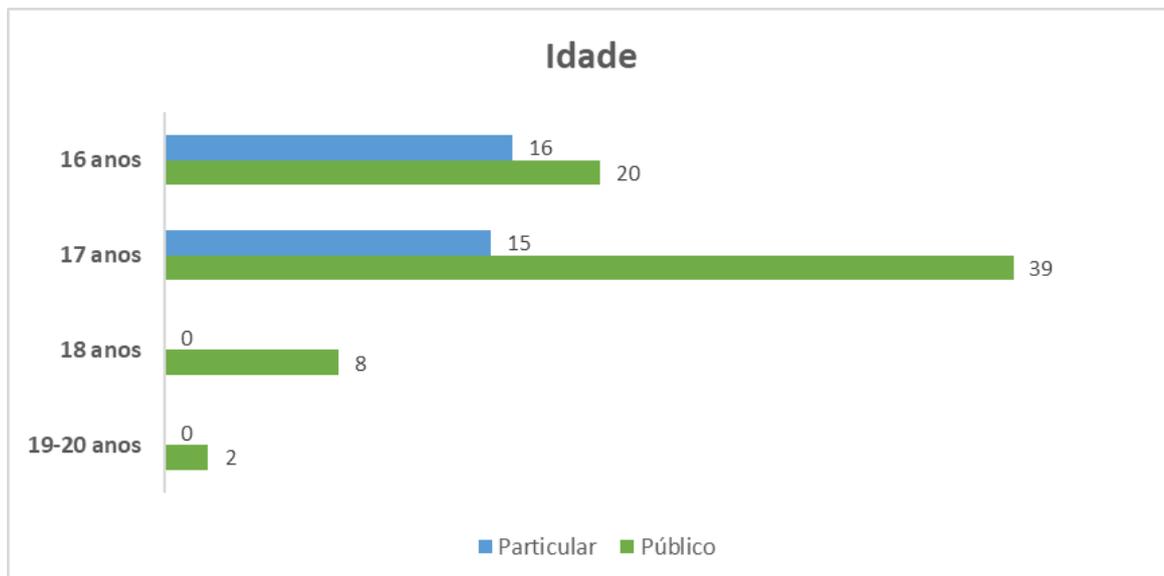


Tabela 2

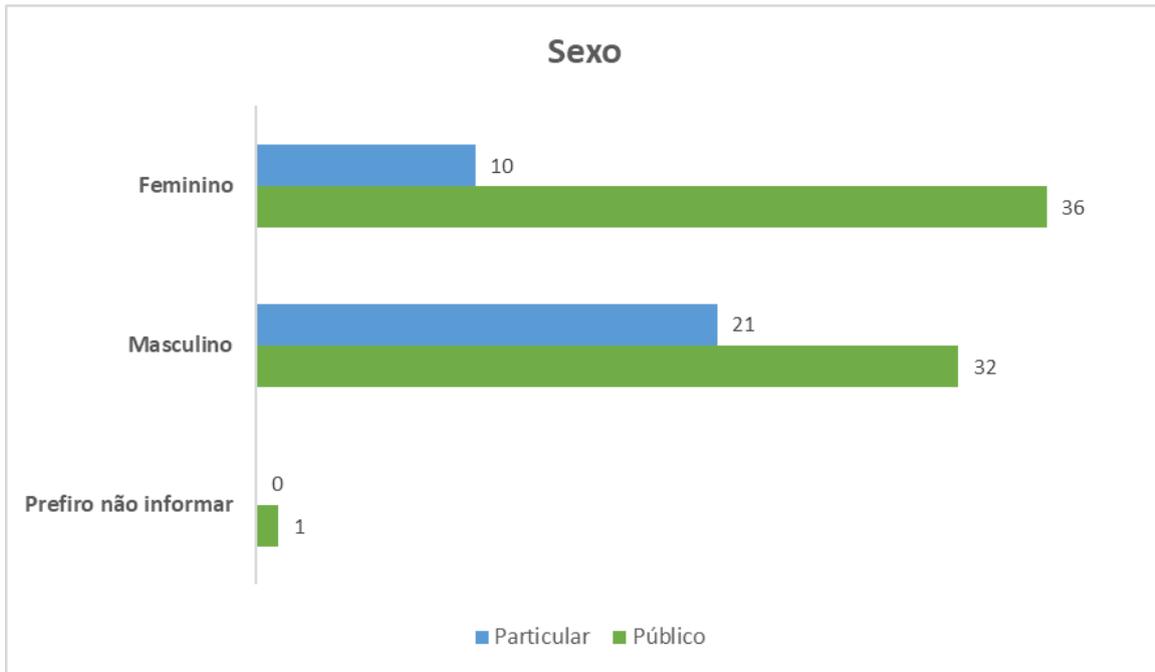


Tabela 3

## 5.2 APROFUNDAMENTO DOS DADOS

Na aplicação do questionário, foram apresentados adjetivos comumente relacionados ao conceito de Adolescência, e foi solicitado que marcassem quais já ouviram de adultos como forma de rótulo para os adolescentes. O adjetivo que os adolescentes mais escutam dos adultos é rebelde, com 83% das respostas; o segundo mais citado, com 63% das respostas, foi inconsequente; o terceiro, curioso, teve 50% das respostas; enquanto os adjetivos introspectivo, destemido e tolerante tiveram, respectivamente, 12%, 7% e 4% das respostas.

O segundo questionamento foi citando os mesmos adjetivos, porém validando com quais deles, os adolescentes efetivamente se identificam. Ao analisar e comparar as respostas dos dois questionamentos, notou-se as primeiras divergências entre a forma como são rotulados e como se identificam e se percebem em suas realidades. O adjetivo mais citado foi “curioso” com 74% das respostas; enquanto 37% dos estudantes se identificaram com tolerante; e o terceiro mais citado foi “destemido” com 30% das respostas; os menos citados foram “introspectivo”, “inconsequente” e “rebelde”, que tiveram respectivamente 26%, 14% e 8% das respostas.

Com esses apontamentos percebe-se a discrepância entre as duas concepções. Enquanto os dois adjetivos mais utilizados pelos adultos têm cunho negativo sobre a

adolescência, os adolescentes, em contrapartida, veem-se de maneira mais positiva, pois inconsequente e rebelde tiveram poucas respostas. Destaca-se, porém, o adjetivo “curioso”, que teve grande prevalência de respostas em ambas as questões. Cabe a reflexão acerca do significado que esse adjetivo tem para cada grupo. Enquanto para os adolescentes isso pode significar novas descobertas, aprendizados e possibilidades; para os tutores, essa curiosidade pode ser entendida como uma intromissão, percebendo o jovem como um intruso no mundo adulto.

É também criada uma expectativa por parte dos adultos que os adolescentes ajam com responsabilidade sobre seus atos. Porém, as ações dos jovens em direção à alguma forma de autonomia e independência, são imediatamente ceifadas e taxadas de forma pejorativa, ao diminuir o sujeito como alguém rebelde e inconsequente diante de suas ações. Nesse contexto, percebe-se a prevalência da teoria de Calligaris, de que a adolescência é vista como um período de incapacidade em agir de forma autônoma.

Outro dado coletado na pesquisa, foi qual adjetivo melhor define o período da adolescência. Para 32% dos estudantes, a melhor definição foi descobrimento; enquanto desafiador teve 26% e conflituoso teve 21%; as definições menos apontadas foram “angustiante” e “obrigações”, com respectivamente 12% e 9%. Ainda acerca dessa problemática, procurou mostrar como os adolescentes percebem que esses estereótipos relacionados à adolescência influenciam nos seus comportamentos e em suas decisões. Dentro do grupo pesquisado, 58% acredita que há influência; 14% acredita que não há; e 28% alega que nunca refletiu a respeito.

Levando como base as respostas objetivas dessas questões, foi solicitado aos alunos que fizessem uma justificativa por escrito. Nelas fica nítido que para eles, não é possível descrever a adolescência com um só adjetivo. Os alunos trouxeram exemplos das descobertas físicas decorrentes da puberdade, da maneira de enxergar o mundo, da entrada para o mundo adulto, do aumento das responsabilidades e também das cobranças.

Todas essas questões trazidas por eles, representam desafios que obrigam os adolescentes a se redescobrirem constantemente. Ressalta-se então, o quanto a adolescência é um período de possibilidades, em que a autonomia e a tomada de decisão

são de grande importância para a formação do sujeito, e portanto, devem ser incentivadas por parte daqueles que os tutelam.

### 5.3 MEDIAÇÕES

Ainda no questionário, além de buscar compreender a autopercepção dos adolescentes, um dos objetivos foi explorar o quanto os fatores externos influenciam no comportamento dos adolescentes, na tomada de decisões, na visão de si mesmos e do mundo, bem como, o quão conscientes são dessas influências. É fato que a visão dos tutores moldam o sujeito desde a infância. A adolescência é o início da quebra desta norma, visto que o jovem passa a construir suas próprias concepções, porém, ainda sob influência dos ideais externos.

Sobre a discussão já iniciada anteriormente, uma das questões levantadas foi se os fatores externos (família, escola, mídia, redes sociais...) influenciam na forma de viver a adolescência. Dentre os entrevistados, 90% acreditam que sim, há influência dos fatores externos; 8% acreditam que não há influência; e 2% afirmam que nunca refletiu a respeito.

Com exceção dos respondentes cujos acreditam que não há influência, perguntou-se aos demais, se eles se sentem pressionados a corresponder aos estereótipos relativos à adolescência. Desses, 47,8% dizem que sentem-se pressionados; 40,2% não se sentem pressionados; e 12% alegam nunca terem refletido a respeito.

Conforme observado nas questões anteriores, a maioria esmagadora dos respondentes acredita que sofre com a pressão externa existente no período da adolescência. Tal argumentação, explicita a influência vedada no processo da estigmatização, o que possibilita em muitos casos, o sofrimento e as angústias. Em *Vigiar e Punir*, no Capítulo *Os Corpos Dóceis*, Foucault reflete:

Houve, durante a Época Clássica, uma descoberta do corpo como objeto e alvo de poder. Encontraríamos facilmente sinais dessa grande atenção dedicada ao corpo - ao corpo que se manipula, modela-se, treina-se, que obedece, responde, torna-se hábil ou cujas forças se multiplicam. É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado.

O conceito socialmente intrínseco de dominação sobre a maneira como o sujeito aprende e adquire conhecimentos, é executado de forma em que os adultos ajam, na maioria das vezes, como figuras hierárquicas e dominantes sobre o adolescente ou a criança. Logo, o ato de reprimir um indivíduo, é uma forma de manter o controle sobre ele,

afetando diretamente no desenvolvimento psicossocial.

O último questionamento propõe-se a entender em quais esferas os adolescentes buscam apoio para enfrentar as adversidades presentes no período durante a adolescência - nessa questão, os estudantes poderiam escolher mais de uma alternativa. Dos respondentes, 69% buscam com os amigos; 49% com a família; 11% nas redes sociais; 6% buscam apoio com professores; 20% buscam apoio profissional (psicólogo, médico e etc); e 18% alegam nunca terem buscado ajuda.

Nota-se que os recursos presentes na realidade de cada sujeito, alteram-se conforme o nicho que se faz disponível em cada contexto. A maioria dos respondentes busca apoio em amigos e/ou família, principalmente devido ao acesso facilitado e à maior disponibilidade que os adolescentes encontram nessas duas esferas. Destaca-se que a minoria dos alunos procura a escola como meio de apoio, essa situação é reflexo de uma questão estrutural-social que limita a escola ao ato de ensinar, enquanto deveria também servir de apoio ao adolescente. Freire (1980, p.119) aponta o que se espera da escola:

Somente uma outra maneira de agir e de pensar pode levar-nos a viver uma outra educação que não seja mais o monopólio da instituição escolar e de seus professores, mas sim uma atividade permanente, assumida por todos os membros de cada comunidade e associada de todas as dimensões da vida cotidiana de seus membros.

Uma reformulação do modelo educacional há tempos se faz necessária, de forma a oferecer uma atenção mais abrangente sobre seus estudantes. A escola não é um sistema fechado e tampouco são os adolescentes, que passam grande parte de seu dia nas salas de aula, e não encontram ali um espaço acolhedor para suas angústias e anseios.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos dados coletados entre os questionamentos da pesquisa aplicada, fica clara a internalização dos estigmas pelos adolescentes. É inegável que a adolescência é um período conturbado, o início das responsabilidades combinado com a carga hormonal que vem com a puberdade, resulta numa fase por si só angustiante. Concomitante a isso, rótulos são impostos através de conceitos constituídos aos jovens a todo momento, e os efeitos dessas imposições se estendem por toda sua vivência.

Avaliando o contexto histórico ligado à constituição do eu, durante décadas, o processo da passagem para a adultez foi estigmatizado. Frente a isso, pode se dizer que os conceitos deterministas impactam e refletem em uma herança que invalida, muitas vezes, o processo do adolescer. Entretanto, o jovem é capaz de perceber-se como um ser que constrói o seu projeto de vida, não dependendo somente de aprovações externas.

Os sentidos produzidos pelos adolescentes sobre os efeitos dos estigmas, deixam evidentes os anseios experienciados por eles frente às expectativas já criadas, antes mesmo de descobrirem e vivenciarem a própria autonomia. Com a pesquisa, é notório que os adolescentes percebem e sentem a pressão dos estigmas, porém a forma como se apropriam destes, não é efetivamente como os definem.

Por fim, a partir da construção teórica e aplicação da pesquisa, nota-se que a adolescência é um processo acompanhado por olhares de quem tutela mas também de quem os vive. Apesar desse processo ser visto de maneira composta apenas por desafios e conturbações, é também construído de variáveis concebidas pelos próprios adolescentes e seus pares.

Foi esperado compreender a concepção dos adolescentes acerca dos estigmas sociais presentes na adolescência, ou seja, a visão deles mesmos sobre os rótulos. Conclui-se que a relevância desse trabalho está em ampliar as perspectivas acerca do tema apresentado, através do enfoque na percepção dos adolescentes. Portanto, faz-se necessário que haja maior responsabilidade e importância social com relação à fase da adolescência, buscando compreender a singularidade desse processo e construindo diálogos voltados para a integralidade.



## REFERÊNCIAS

- FOUCAULT, Michel. Os Corpos Dóceis. *In: VIGIAR e Punir*. [S. l.: s. n.], 1975.
- ALLOUCHE, Frédéric. Ser Livre com Sartre. São Paulo. ed Vozes, 2011.
- CALLIGARIS, Contardo. A Adolescência. São Paulo. Folha Explica 2000.
- ERIKSON, Erik H. Identidade juventude e crise. Rio de Janeiro.ed Guanabara 1987.
- GIL, Antônio Carlos, 1946 - Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.
- SALINGER, J. D. O Apanhador no Campo de Centeio. EUA: Todavia, 1951.
- SARTRE, Jean P. O Existencialismo é um Humanismo. ed Vozes, 2014.
- SARTRE, Jean P. O Ser e o Nada. Rio de Janeiro. ed Vozes, 2015.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Tolerância: Organização e notas de Ana Maria Araújo Freire. 3. ed. Centro Cultural Banco do Brasil: Paz e Terra, 2014.
- FREIRE P. Conscientização. Teoria e prática da libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Moraes, 1980.
- DE ASSIS, Simone G. e AVANCI, Jiovana Q. Labirinto de Espelhos: Formação da auto-estima na infância e na adolescência. 1. ed. Scielo Books: FIOCRUZ, 2004. 208 p. v. 1. Disponível em: <http://books.scielo.org>. Acesso em: 23 maio 2022.
- Schoen-Ferreira, Teresa Helena, Aznar-Farias, Maria e Silvares, Edwiges Ferreira de Mattos Adolescência através dos séculos. Psicologia: Teoria e Pesquisa [online]. 2010, v. 26, n. 2 [Acessado 21 Maio 2022] , pp. 227-234. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000200004>>. Epub 13 Set 2010. ISSN 1806-3446. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000200004>.
- GOFFMAN, Erving. Estigma: Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada. [S. l.: s. n.], 1963. *E-book* (160 p.).
- MELO, Marcia Cristina Henares de; CRUZ, Gilmar de Carvalho. ADOLESCÊNCIA E ESTIGMA NO COTIDIANO ESCOLAR. Estigmas, [s. l.], 7 maio 2012.
- FERREIRA, Teresa Helena Schoen; FARIAS, Maria Aznar; SILVARES, Edwiges Ferreira de Mattos. Adolescência através dos séculos. Adolescência; história; teorias sobre adolescência, [s. l.], 26 jun. 2010.

JANIN, Beatriz. Los adolescentes y los estigmas. Revista RUEDES, [S. l.], p. 18, 2 abr. 2013.

SIEGEL, Daniel J. Cérebro Adolescente. [S. l.: s. n.], 2016.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 12. ed. [S. l.: s. n.], 2019.

SHOEN-FERREIRA, Teresa Helena; AZNAR-FARIAS, Maria. Adolescência através dos Séculos. Psicologia: Teoria e Pesquisa, [S. l.], p. 227-234, 13 maio 2010.

TOMIO, Noeli Assunta Oro; FACCI, Marilda Gonçalves Dias. Adolescência: uma análise a partir da psicologia sócio-histórica. Teoria e Prática da Educação, [S. l.], p. 90-99, 10 set. 2008.

BARONCELLI, Luane. Adolescência: Fenômeno Singular e de Campo. Revista da Abordagem Gestáltica, [S. l.], p. 188-196, 10 nov. 2012.

Ribeiro, C.A.; da Rocha, F.N. Escolhas na adolescência: Implicações contemporâneas dos grupos sociais e da família. Revista Mosaico. 2017 Jul./Dez.; 08 (2): 39-47.

COUTINHO, Luciana Gageiro. A adolescência na contemporaneidade: ideal cultural ou sintoma social. Revista de Psicanálise, [S. l.], p. 13-19, 18 mar. 2005.